

MODA E TRANSGRESSÃO: UMA CONVERSA IMAGINADA COM AGAMBEN, SUASSUNA, BECKER E FOUCAULT

*Fashion and transgression:
an imagined conversation with Agamben, Suassuna, Becker e Foucault*

Ana Paula Celso de Miranda¹

 0000-0002-0605-4144

✉ anamiranda@facc.ufjf.br

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

RESUMO

O objetivo dessa pensata não é refletir a moda como socialização sob o ponto de vista de processo no qual os indivíduos aprendem a viver e a se comportar coletivamente com outras pessoas; mas a ruptura com esse processo. O ponto central não é o modo pelo qual a pessoa se integra na sociedade ou se marginaliza, mas como o indivíduo se coloca como agente de transformação dessa sociedade e dessa forma compreender o consumo de moda também como forma de estabelecer discursos de transgressão.

PALAVRAS-CHAVE: consumo de moda, cultura de consumo, transgressão.

ABSTRACT

The purpose of this essay is not to reflect on fashion as socialization from the perspective of a process in which individuals learn to live and behave collectively with others, but rather on the rupture with this process. The central point is not how a person integrates into society or becomes marginalized, but how the individual positions themselves as an agent of transformation within that society, thereby understanding fashion consumption also as a way of establishing discourses of transgression.

KEYWORDS: fashion consumption, consumer culture, transgression.

A moda sempre é associada com futilidade e falta de identidade baseada em conformidade e pertencimento de forma transitória e efêmera, mas tem um outro lado da moda enquanto forma de expressão que é o oposto de toda a crítica, quando é apenas moda antes de ser cooptada pelo sistema da moda.

Moda como transgressão. Mas quem a gente poderia colocar para conversar buscando entender melhor esse ato transgressor? Chamei o Giorgio Agamben, o Ariano Suassuna, o Howard Becker e o Michel Foucault para uma roda de conversa sobre o tema e eu vou tentar mediar esse bate-papo. E aí Agamben? O que você acha da moda e sua potência de transgressão?

Ana Paula, obrigado pelo convite fictício, mas de coração de trocarmos uma ideia sobre esse tema e eu vou te dizer que moda é profanação! Concordas comigo Ariano?

Caro Giorgio, eu entendo que se pensarmos a estética como ação humana encontramos a sua profanação na construção de expressões artísticas livres da padronização do que foi definido como belo e tendo a concordar. Mas e você Becker? Por que será que não somos todos desviantes da moda?

O meu conceito de rotulação está relacionado ao receio de adotar uma moda considerada transgressora, que é o foco da discussão. Ao romper com padrões estéticos e sociais, o indivíduo pode ser visto como um agente de transformação e sofrer as consequências de não ser aceito socialmente por esse ato. Essa ação ocorre em razão da existência do sistema da moda, que, ao definir critérios de beleza, visa à industrialização e massificação de novidades, favorecendo a produção em escala.

Agamben, então eu poderia falar que a profanação é gatilho da moda?

Na minha visão a profanação é um gesto crítico que liberta coisas e práticas de seu uso "sacro" ou fetichizado, permitindo-lhes um novo "uso livre". Na moda, isso se manifesta na desativação de usos antigos e na criação de novos significados. A moda transgressora profana o fetichismo da novidade pela novidade, ao ressignificar o uso de uma peça ou estética, o indivíduo a liberta de seu propósito inicial e abre espaço para uma nova interpretação carregada de ethos lúdico e libertário. Como homens que usam saia por exemplo.

Caro Giorgio, bem lembrado e podemos ainda relacionar aos meus estudos quando essa estética pode ser lida como risível ou cômica.

Sim Ariano! Eu ainda diria mais: nesse ato de desvio do padrão de comportamento o receio da rotulação por parte do empreendedor moral faria que por mais que o indivíduo queira esse lúdico e libertário seja reprimido pela pressão das regras sociais não escritas, porém atuantes no convívio humano.

O fluxo de pensamento pode seguir por aí Becker! Ao atribuir novos usos e significados e profanar discursos de tradição e nostalgia por meio de negociações simbólicas de cores, formas e materiais, provoca reações negativas, mas também pode impulsionar novas ondas de comportamento na moda. Você viu alguma coisa nesse sentido Ana Paula?

Recentemente eu fui ao Japão e vi jovens gueixas e samurais em todos os lugares se apropriando e ressignificando as vestes de identidade cultural, rompendo com a sua "santidade" para dar-lhes um novo sentido contemporâneo como o uso de tênis, tatuagens, maquiagens góticas numa produção que profana a tradição milenar do kimono.

Interessante porque pode levar a uma leitura de contestação da identidade cultural quando acontece essa mistura de elementos culturais, a desconstrução de peças clássicas ou o uso de trajes tradicionais em contextos inusitados são atos de profanação que criam discursos e identidades de moda. Ariano, podemos chamar isso de estética da transgressão?

Giorgio, é verdade que as estéticas vão além do belo simétrico e harmonioso e eu posso oferecer ferramentas conceituais para entender a estética da transgressão na moda. Já falamos do risível e do cômico, aqui a transgressão da harmonia e das proporções equilibradas do belo explorando o humor e a graça, indo além do ridículo, e reforçando a ideia de uso livre como base do ato de profanar. Ana Paula, você tem algum exemplo para isso?

Um estilista mineiro, o Ronaldo Fraga, trabalha a estética da transgressão baseado no risível e no cômico até nos títulos das suas coleções como em *Eu Amo Coração de Galinha*. Mas quem gosta do belo pode entender como feio.

Sim, o feio e o horrível são outras categorias estéticas, mas é importante entender que é possível explorar a beleza a partir de elementos considerados feios, assim sendo essa estética se conecta com a profanação quando liberta objetos de suas categorias estéticas pré-determinadas. A moda desconstrói a noção convencional de beleza ao incorporar elementos marginalizados ou considerados “de mau gosto”, transformando-os em novos padrões estéticos. O que você acha Ana Paula?

Perfeito Ariano. As coleções de Ronaldo Fraga têm esse tom libertador. E sobre o Sublime e o Trágico na sua obra? Eu vejo muito do Ronaldo Fraga também nessa categoria.

Sim. O sublime e o trágico exploram a complexidade da experiência humana e da expressão artística, também reforçam a ideia do uso livre que é a base do que o Giorgio fala na profanação. É a moda como expressão de uma ética da liberdade, e não apenas de uma busca fútil pela novidade estética. Becker, você acha que essa seria a essência da identidade do desviante?

Eu entendo que a rotulação explica como a sociedade define o que é o desvio e, conseqüentemente, quem é o desviante.

E esse processo é central para entender como a moda transgressora é percebida e integrada ao sistema?

Sim Ana Paula. A transgressão na moda é, em essência, um comportamento desviante, minha teoria demonstra que a transgressão não é inerente a um ato, mas uma consequência da reação social e da aplicação de regras por “empreendedores morais”. O indivíduo que se desvia das normas, no caso da nossa discussão são as normas estéticas, esse transgressor é rotulado como marginal, divergente, desviante...

Mas o processo de adoção de moda começa assim! O que é rotulado como desviante no início de um ciclo de moda é, muitas vezes, o comportamento inovador. O sistema de moda, ao observar e cooptar esses comportamentos, massifica a transgressão. O que antes era estigmatizado passa a ser visto como inovador e desejável. O consumidor, ao adotar a novidade, reforça o ciclo de massificação e, ironicamente, a própria novidade perde seu caráter transgressor.

Isso Ana Paula e usando a abordagem interacionista podemos afirmar que o comportamento desviante na moda não é um ato isolado, mas uma reação complexa e interativa.

Concordo. A escolha de uma roupa não é apenas uma decisão pessoal, mas um reflexo da consideração do indivíduo sobre como os outros reagem a ela. Esse processo de acomodação e ajuste constante com o que os outros “fizeram, estão fazendo e podem fazer” molda a dinâmica da moda. O que você acha disso Foucault?

Percebo que para analisar a estética desviante na moda pelo ato da profanação não podemos situá-la apenas como uma performance individual, mas como um campo de batalha simbólico contra as formas de poder que governam a conduta e a individualidade. Ao mapear a construção da estética desviante e seus reflexos no consumo de moda, pode-se desvendar como a moda se torna um instrumento tanto de controle biopolítica (o sistema da moda) quanto de resistência (a expressão de moda).

E tudo casa direitinho, não é? A minha profanação com a sua resistência.

Eu ainda falaria de uma re-existência.

Gosto disso Foucault, e é aqui que entra a genealogia da anomalia?

Sim. A sociedade moderna constrói a figura do “indivíduo a ser corrigido” por meio de instituições disciplinadoras como a família, a escola e a polícia. Na moda, essa genealogia da anomalia pode ser aplicada para compreender a normalização da estética.

Podemos aplicar essa ideia de instituição a uma “polícia da estética” que encontramos hoje principalmente nos influenciadores digitais de moda onde nas gerações passadas era o papel do editor(a) da revista de moda.

Ana Paula, é o que eu chamo de biopoder, que governa a vida e a saúde das populações, impõe padrões estéticos de “bem-estar” e “otimização da vida”.

Foucault, a chamada moda comercial, ao ditar regras de beleza, elegância e simetria, reproduz essa normalização, classificando corpos e estilos como “normais” ou “anormais”. Dizendo inclusive o que corpos com mais de 50 anos não podem vestir incluso até camisetas com frases engraçadas consideradas inadequadas e que “envelhecem” em postagens de influenciadores com o título “roupas que envelhecem”.

Ana Paula, esse é o “indivíduo a ser corrigido” pelo sistema. O consumidor que foge a esses padrões é visto assim.

Tem até programa de televisão, o Esquadrão da Moda, que vai ensinar a pessoa como ela deve se vestir para ficar dentro desses padrões e promete para esses desviantes a fuga do constrangimento público, não ser mais um marginal da estética. O engraçado é que a maioria das pessoas estava feliz do jeito que se vestiam até serem informadas pelo Esquadrão que precisavam de correção. E a ironia é que precisamente nesse desvio que reside a semente da inovação na moda. O sistema de moda, ao mesmo tempo que pune o desviante, o observa e coopta, transformando a novidade transgressora em tendência a ser massificada. E a estética desviante, antes vista como marginal, é higienizada e comercializada, perdendo seu caráter subversivo e se tornando mais um produto no ciclo de consumo que logo será descartado como cafona. São as contra condutas e dissidências na moda que descrevem a resistência a essa “forma de governo da individualidade”.

Então Ana Paula, você acha que a moda, nesse contexto, pode ser um campo de luta micropolítica?

Sim! Vamos por tópicos:

Resistência à governamentalidade quando a moda transgressora pode ser entendida como uma “contra conduta”, uma recusa aos padrões de comportamento impostos pela governamentalidade, que busca conduzir a vida para fins específicos, como a produtividade e o consumo massificado.

Dissidência e o “como não ser governado” quando a moda propõe a noção de recusa de um padrão de conduta universalizante, questionando as formas de governo que nos constroem a assumir determinados tipos de individualidade. Isso se manifesta na apropriação de códigos estéticos marginalizados, como estéticas próprias da periferia; na desconstrução de identidades de gênero, como roupas acinturadas e uso de rendas pelos homens ou ainda na recusa de seguir tendências rejeitando qualquer estética massificada.

O cuidado de si como prática de resistência para ser foucaultiano se manifesta na moda como uma forma de resistência ativa. Ao cultivar uma estética pessoal e singular, o indivíduo se produz de forma diferenciada, criando formas de ser e viver que tensionam as relações de poder vigentes, mas precisa ir além da performance e se tornar uma ação micropolítica de extrema relevância como marcas ativistas e a Golpe Store em Recife sendo um exemplo de locus de consumo da manifestação política e cultural. E o que o Giorgio tem a dizer sobre isso?

Que a profanação é tarefa ética da moda se pensarmos no meu conceito em diálogo com o Foucault porque assim teremos a profanação como crítica e resistência sendo o ato de profanar, que liberta coisas e práticas de seu uso adequado e as abre para um novo uso livre, esse ato pode ser visto como uma forma de resistência aos dispositivos de controle e exploração. Na moda, profanar o que é tido como “sagrado”, o que é considerado belo, elegante ou tradicional, é um gesto crítico que questiona as regras impostas pelo sistema. Faz sentido para você?

Estou entendendo a profanação na moda como um movimento constante que substitui a originalidade pela provisionalidade, permitindo que a crítica se manifeste na interrupção do ciclo vicioso da massificação e na destruição de valores fetichizados. A moda, ao permitir a profanação e o uso livre, proporciona ao indivíduo a reconquista de sua potencialidade no sentido que você, Giorgio, nos fala sobre não se limitar a uma função predeterminada, o que impulsiona a emancipação política e a defesa de formas de viver que resiste à propriedade e ao controle.

O que entra em total sintonia com o meu conceito de desviante.

E com o meu de cuidado de si.

E as minhas categorias de estética que consideram o contexto humano na ação da construção da aparência.

Então, para que ninguém diga que não chegamos a uma conclusão...nossa conversa revela que a moda, em sua busca incessante pelo novo, opera por meio de um ciclo de transgressão, rotulação e massificação. O indivíduo, como agente de transformação, profana usos e significados, desafiando as normas estéticas e culturais. A sociedade, por meio de seus “empreendedores morais”, rotula esses atos como desviantes na sociologia do desvio do Becker, mas o sistema de moda, com sua lógica de apropriação, massifica essa novidade, absorvendo o transgressor e o reintegrando em um novo padrão. A estética da transgressão, que encontra amparo nas categorias de Ariano, é o motor desse processo. A moda transgressora é, portanto, um campo de batalha simbólico, onde a liberdade do uso livre se choca com a imposição de regras, e a estética da ruptura se torna a matéria-prima para a próxima massificação. Foucault ilumina o processo pelo qual a estética desviante na moda é construída, controlada e, ao mesmo tempo, utilizada como ferramenta de resistência. A performance ganha uma dimensão política onde as roupas deixam de ser apenas um acessório e se tornam um campo de embate contra as forças de normalização. A análise da moda como palco de contra condutas, dissidência, cuidado de si e profanação possibilita desvendar a dinâmica complexa na qual o indivíduo se coloca como agente de transformação, tensionando as relações de poder e re-existindo por meio da estética. O que vocês acham?

Deu certinho!

Vocês são fofos!

Autora:

Ana Paula Celso de Miranda, Professora da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis (FACC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora em Administração pela Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária da Universidade de São Paulo (FEA-USP). Pós-doutorado em Cultura e Consumo pelo COPPEAD-UFRJ. Autora de livros e artigos na área de consumo de moda.